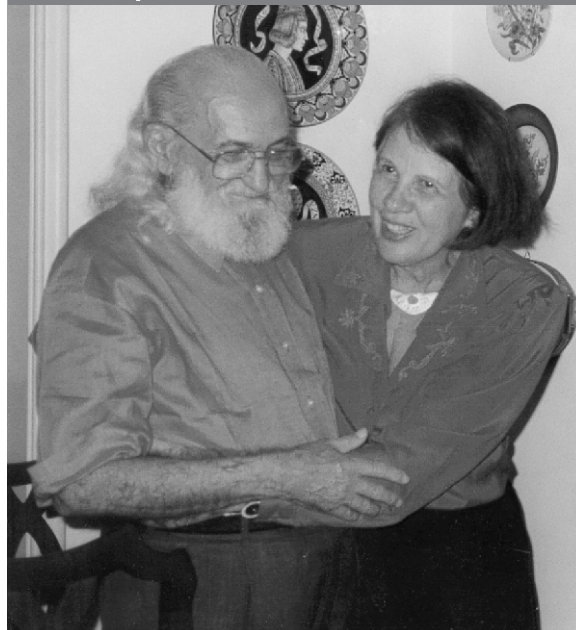


A gentidade de Paulo*

Ana Maria de Araújo Freire**

* Este texto é uma edição bastante reduzida do capítulo de mesmo nome do livro **Paulo Freire, uma história de vida** pelo qual a autora recebeu o Prêmio Jabuti 2007 na categoria Biografias.

** Educadora, pedagoga e escritora, a autora é viúva de Paulo Freire



O MAIS AUTÊNTICO DESTE HOMEM NORDESTINO

Quero sublinhar aqui alguns traços de gente, as qualidades maiores de Paulo que faziam parte intrínseca da radicalidade de seu ser, de seu inteligir e do seu viver: sua generosidade; sua amorosidade; sua fé e crença nos homens e nas mulheres; sua esperança; sua simplicidade; sua curiosidade e ousadia no pensar; no fazer e no agir; seu constante bom humor e senso de justiça; sua capacidade de ser leal com tudo e com todos e a si próprio, sem se afastar do comportamento radicalmente ético; sua mansidão e forma respeitosa de estabelecer as relações de horizontalidade e de “brincar” com o outro e a outra.

A esses traços de gente; às suas virtudes; às inúmeras, autênticas e profundas maneiras de ser e de portar-se diante do mundo e *com* o mundo e as pessoas, no fundo a humanidade de Paulo; ao seu desejo imenso de que todos e todas pudessem ser *seres mais*, que eu chamo de a gentidade de Paulo.

Virtudes que se fizeram nele, ao mesmo tempo, por sua coerência em instâncias de ser, de conhecer e de valorar, dialeticamente completando-se uma na outra. Portanto, qualidades-categorias explicativas de sua compreensão histórica, utópica e teórica da educação libertadora, justificadas por sua própria maneira de ler e de enfrentar o mundo, sustentadas nas suas intuições, emoções e sentimentos.

Não quero e nem posso separar em Paulo os *seus traços de gente* de *sua obra teórica* porque aqueles estão incorporados nesta. Não há dicotomia entre o seu ser no mundo e o que propõe em sua obra. A sua maneira de comportar-se como homem público, como educador da práxis, como educador ético-político engajado e como homem extremamente devotado às suas relações

familiares e de amizade, de um lado, e sua práxis e obra, de outro, fundiram-se, dialeticamente, porque ele foi eticamente coerente. Assim, aponto um dos *seus traços de gente* e busco a *sua obra teórica* sem me preocupar com a divisão estanque deles. Ele era assim e gostava de ser assim: sentimentos e emoções e razão são partes integrantes do seu e do meu *corpo consciente*, não os posso e nem quero separá-los, assim como ele não o fez. Paulo foi, sem dúvida, um homem sensível, forte e apaixonado em seus sentimentos; em sua negação contra tudo que estivesse fora dos princípios éticos e de suas crenças político-ideológicas. Sua maneira de falar e escrever concretamente utópica a sua epistemologia e tantas vezes metafórica para contar as suas histórias foi absolutamente ímpar. Com sua maneira de respeitar os outros, com a sua honradez e lisura, mas sobretudo por sua inteligência criadora e revolucionária de homem inconformado com as objetivas injustiças que vêm sendo historicamente impostas a grande parte de homens e de mulheres que por isso sofrem, preocupou-se, escreveu e lutou por quase toda a sua vida de uma maneira muito especial.

Paulo foi um homem que acreditou na palavra. Palavra para ele era ação. Era práxis, por isso mesmo teve extremo cuidado com o uso dela. Não só com o uso da palavra certa e mais bonita, mais adequada e mais poética. Falo aqui do cuidado político que ele teve desde jovem com a continência da palavra. Disse-me algumas vezes: “Sei que isso não foi determinante para o golpe de Estado de 1964, mas que a incontinência da palavra de muitos de nossos homens e mulheres de esquerda contribuiu para a raivosidade dos que destruíram aquele sonho brasileiro, contribuiu. Quem já se viu sair por aí se dizendo e repetindo: 'vou matar a burguesia toda e fincar a cabeça de cada um deles pelos postes da cidade?!'. Quando me diziam isto, eu, cortesmente, alertava:

Companheiro, cuidado com o que fala...você acha mesmo que isso é possível? Antes de você chegar ao último burguês, o terão liquidado....e lhe digo: não conte comigo para isso”, concluía Paulo com humor.

Orgulhoso e feliz, mas modesto e consciente de sua posição no mundo, Paulo viveu a sua vida com fé em Deus e nos homens e mulheres, com muita humildade, sensualidade, simplicidade e alegria contidas. Com seriedade, convicção e desejo de transformação. Aprendendo, com tudo e com todos e todas, sobretudo com os oprimidos e oprimidas e lutando criticamente para a superação das relações de opressão, a favor daqueles e daquelas, contra os opressores e opressoras, viveu intensamente as tensões e os conflitos do mundo. Sempre esperançoso nas possibilidades das necessárias mudanças do mundo. Impacientemente paciente lutou, com tolerância, coerência, respeito às pessoas e a todos os seres, por longos anos de sua vida, por um mundo mais justo e mais bonito. Paulo nunca deixou de sonhar os sonhos verdadeiramente democráticos.

(...)

Desde quando estudou e trabalhou no extinto Colégio Osvaldo Cruz, do Recife, Paulo entendeu, mais além do que já tinha aprendido com seus pais, a importância da generosidade de Aluizio e Genove Araújo através da gratuidade do ensino e do afeto dados por meus pais e do despojamento deles diante das coisas materiais, qualidades que passaram a ser buscadas e construídas em Paulo mesmo, para fazer-se *gente*, para se tornar verdadeiramente um educador e um homem público.

Quem conhecia minimamente Paulo podia perceber, imediatamente, sua capacidade de escutar com atenção, tocando e olhando o outro ou a outra pessoa que o procurasse, a qual ele acolhia com um nível de envolvimento tal que, ao assim fazer, ensinava e aprendia ao mesmo tempo. Respeitava e era respeitado aceitando e valorizando o dizer, a idéia, as intuições, os sentimentos, a voz do outro e da outra. Fez-se assim um mestre dos sonhos, dos desejos, dos anseios e dos interesses legítimos dos outros e das outras porque esses ressoavam o seu próprio sentir, desejar, entender, refletir, agir e escrever tudo isso sistematicamente. Ressoavam em todo o seu corpo, no seu *corpo consciente*.

Esses toques no corpo do outro e da outra foram trocas afetivas intensas, que se proliferaram em outras formas de comunicação que, assim, quase sempre, se fizeram epistemológicas e antropológicas. Isso no fundo denota a coerência de Paulo, pois ele não dicotomizou jamais o saber do sentir. A razão da emoção. O ser do dizer. O conhecimento da sensibilidade. A generosidade da esperança. A esperança da amorosidade, porque a sua era generosidade esperançosa e não generosidade farisaica.

Sua capacidade e vontade de escutar a voz dos outros e as

circunstâncias da vida, com sensibilidade, amor e acuidade que o provocava epistemologicamente, iam nesse caminho de busca. Ter se posicionado sempre contra a cultura da violência¹ concretamente existente na história humana forjando uma filosofia eminentemente generosa e esperançosa humanista e libertadora é a prova maior disso.

Ora, partir dessas premissas para entender o mundo já é em si um estar sendo que ultrapassa o simples estar *no* mundo. É esse estar *com* o mundo que implica estar *com* todos os homens e mulheres, com todos os outros seres do mundo. E esse modo de estar *com*, vindo do mais fundo de seu ser espelha a sua gentidade conscientemente construída. Gentidade que advém, obviamente, das suas qualidades, sobretudo da amorosidade, da esperança e da generosidade.

Sentia-se à vontade falando com as pessoas das classes populares. Valorizava suas idéias, falas, costumes e crenças. Essas coisas tinham provocado nele o sentimento de solidariedade, compaixão e cooperação, e permitiram-lhe entender mais dialeticamente, com elas e a partir delas o seu peculiar ato de escutar a filosofia, a política, a ciência e a própria vida.

Assim, foi dessa capacidade invulgar de *escutar* o povo, isto é, ouvir, acolher e elaborar as idéias, as razões, as necessidades, as aspirações, as dores e as alegrias dos homens e das mulheres comuns, que Paulo criou uma teoria do conhecimento tão concreta e engajada e tão revolucionária e rigorosamente científica. Sua teoria do conhecimento tem, pois, concretude porque partiu da sua relação de abertura para escutar, sentir, emocionar-se

¹ Sobre a violência, Paulo disse, em 1993, publicado no livro *Aprendendo com a própria história*, v.II, com Sérgio Guimarães (Paz e Terra, 2000), o seguinte: “Eu já tinha dito que o ideal é que as transformações radicais da sociedade que trabalham no sentido da superação da violência fossem feitas sem violência. Agora, a responsabilidade de que elas sejam salpicadas de violência não é de quem pretende mudar o mundo. É de quem não pretende que o mundo mude. Então, uma vez mais, são os dominantes, são as classes dominantes, que levam as classes dominadas à briga, ao conflito até, inclusive físico, quando as classes dominadas num gesto de direito e de manifestação de sua humanidade protestam contra a preservação da maldade, da perversidade, da malvadez do opressor ... Para concluir a tua pergunta: diante do problema da violência e da democracia, eu hoje continuo pensando que a democracia não significa o desaparecimento absoluto do direito de violência de quem está sendo proibido de sobreviver. E que o esforço de sobreviver às vezes ultrapassa o diálogo. Para quem está proibido de sobreviver, às vezes, a única porta é a da briga mesmo. Então eu concluiria lhe dizendo: eu faço tudo para que o gasto humano seja menor, como político e como educador. Entendo, porém, o gasto maior. Se você me perguntar: ‘entre os dois, para onde você marcha?’ Eu marcho para a diminuição do gasto humano, das vidas, por exemplo, mas entendo que elas também possam ser gastas, na medida em que você pretenda manter a vida. O próprio de preservação da vida leva à perda de algumas vidas, às vezes, o que é doloroso. Agora, o que eu não acredito é na conscientização dos poderosos. Eu acredito na conversão de alguns poderosos, mas não enquanto classe que comanda, não enquanto classe que domina” (p.84-6).

com as camadas populares.
(...)

Era tolerante e calmo, mas suficientemente agressivo para defender seu espaço pessoal e profissional. Nunca ofendia, mas também não suportava que o ofendessem. Abominava os injustos, os exploradores, os “donos” de pessoas, as maledicências, “falar mal da vida alheia”, e sobretudo as traições e as injúrias de qualquer pessoa que fosse.

No nosso último verão em Pernambuco, estávamos no centro de Recife, na Av. Guararapes. Comprávamos alguns CD de músicas clássicas. Fazia muito calor e Paulo saiu da loja e portou-se bem em frente, esperando-me. Ouvi um homem que, falando em voz altíssima, dizia: “Filho, este é um monumento nacional! Olhe bem para ele, é o famoso Paulo Freire”. Saí para “acudir” Paulo desse discurso que sabia o estava inibindo. Os dois se foram depois de a mim apresentados, mas Paulo permanecia imóvel, impactado. Depois conseguiu falar: “Nita, aquele homem ali que corre entre carros e ônibus foi uma das pessoas que eu ajudei nos anos 60. Ele era funcionário da Universidade do Recife e me pediu para ir trabalhar no SEC. Consegui transferência dele, e na verdade ele se esforçou para dar conta das novas tarefas. Enfim, veio o golpe de 1964, eu sofrendo as perseguições em minha casa ou na prisão quando um caminhão do Exército foi até o espaço do SEC onde sistematizávamos o 'Método de Alfabetização' para recolher todo o 'material subversivo' com o qual diziam estávamos preparando uma revolução bolchevista / nazista². Durante horas cataram tudo, tudo mesmo o que lhes dava a impressão de ser 'material a serviço do comunismo'. Insatisfeito com a devassa já feita, aquele homem, um jovem na época, correu ao encontro do grupo militar que zarpava e disse maldosa e submissamente: 'Coronel, o mais subversivo de tudo não foi recolhido!'”.

Paulo tomou fôlego, respirou fundo e não parava de suar. Depois continuou: “Os soldados voltaram ao interior do prédio e o rapaz apontou os quadros do famoso artista Francisco Brennand³, pintados especialmente para o trabalho de codificação/decodificação do 'Método de Alfabetização', daí para a conscientização dos alfabetizando/as, que estavam dependurados nas paredes. Jamais estes quadros (mais de dez) doados a mim e que eu considerava pertencerem ao grupo do SEC, ao povo, foram vistos!”.

Paulo jamais desculpou aquele homem por sua capacidade de trair o povo, de se submeter ao poder, por considerá-lo covarde e maledicente, porque sei o quanto Paulo sabia amar, por isso mesmo mergulhar fundo na raiva. Na justa raiva, dizia. Esta é uma emoção que mobiliza, o ódio, pelo contrário, engessa e imobiliza as pessoas. A reação do corpo de Paulo naquela tarde quente do Recife, em janeiro de 1997, me deu a certeza de que ele não tinha desculpado aquele homem. Paulo viveu as

contradições humanas no seu corpo consciente, assim nunca as negou. Creio que a mais duas pessoas Paulo nunca entendeu nem desculpou, a sua enorme capacidade de amar e respeitar não foi suficiente para isso. Não desculpou nunca os que foram para o “outro lado do rio”, expressão que usava para dizer dos que tinham negado os sonhos utópicos de justiça e democracia.

Esse estado de discernimento ético de Paulo alongou-se na sua teoria e práxis, marcando-as com o seu *corpo consciente* e com sua alma dadivosa e lúcida. De outro modo, até porque não só pensou e escreveu dialeticamente, mas sobretudo por ter corporificado a dialética das contradições, ele abominou com todas as suas forças os invejosos, os vingativos e os que se prevalecem de suas posições para prevaricar de qualquer forma e em qualquer situação. Paulo marcou sua posição no mundo também por ter tido uma compaixão enorme por aqueles e aquelas que não sabem ser firmes em suas posições, de quaisquer naturezas que fossem elas; respeitosos com as escolhas e decisões alheias ou leais aos seus companheiros e companheiras de luta.

Quero dizer que em Paulo não há neutralidade. Há o a favor de que e de quem, o contra que e contra quem, o por quê? o quando? o porquê!. E sabemos: ele esteve sempre a favor dos explorados, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo, dos que necessitam de justiça e liberdade. Dos que querem viver plenamente os seus sonhos legítimos, quer no nível pessoal quer no nível social.

Trabalhou intensamente desde muito jovem e dormia muito pouco até a sua maturidade. Na sua “velhice”, sentiu necessidade de descansar, de diminuir, nunca de abandonar, o seu ritmo de trabalho. O período de sono era bem maior e para recuperar-se durante o dia não fazia sesta, optava por “passear de carro” para ver gente, paisagens verdes e prédios perfilados pela beleza.

² Veja no inquérito militar a que Paulo se submeteu como o seu inquiridor achava, como a maioria dos “donos do golpe”, que essas duas ideologias antagônicas eram apenas de esquerda.

³ Paulo sempre pensou que Lula, chegando ao poder, pediria a ele para localizar esses quadros. Ele tinha a esperança de que eles não tinham sido destruídos no vandalismo e na sandice dos militares de então. Paulo nutriu o sonho de recuperar esses quadros e levá-los para um museu de educação popular. Falou-me até, em 1989, que se sua nomeação como ministro da Educação se confirmasse, na primeira reunião ministerial pediria a Lula e ao ministro do Exército para localizar e devolver publicamente esses quadros. Nesse ano de 2004, o artista pernambucano ampliou seu Museu/Oficina, na propriedade Santos Cosme e Damião, na Várzea, no Recife, construindo um prédio para expor seus quadros. Nesse acervo tem uma Secção “Paulo Freire”, no qual estão expostos oito guaches que ele fez nos anos 60 para o trabalho de alfabetização, e que desde aquele momento os tinha guardado como seu acervo particular

Gostava do dinamismo da vida urbana e do sol quente brasileiro, das noites calmas e claras para sentir a vida, na contemplação mansa da lua e das estrelas. Foi um homem ligado aos problemas concretos da realidade social, mas gostava de “decifrar” os desenhos das nuvens brancas nos céus azuis, sentado nas areias da praia ou do terraço do nosso apartamento em Piedade, Pernambuco. Era tão sutil em suas análises sobre os fatos “corriqueiros” da vida, do que vinha do povo e de seu modo de conhecer – o senso comum – quanto cuidadoso nas suas análises teóricas científicas e no deixar-se nos devaneios de criança... nos devaneios de sua curiosidade estética.

(...)

Paulo foi um homem que se debruçou, refletindo, sobre as coisas óbvias que observava onde vivia e por onde andava. E tomou-as como ponto de partida de reflexões para compor, entre outros fundamentos, a sua teoria. Tornou-se, por isso, verdadeiramente o “andarilho do óbvio”, o “caminhante da esperança”.

Poderíamos considerá-lo um profeta, um “adivinho” do amanhã, porque como ele mesmo dizia “profeta não é o homem de barbas brancas que vagueia pelas ruas com o seu cajado na mão, profeta é todo homem ou toda mulher que, porque vivendo radicalmente o hoje, pode prever o amanhã”. Paulo foi sempre o homem do hoje, daí ter se antecipado em ver a realidade ocultada pelas ideologias, ter podido muitas vezes ver tão bem o que a história nos estava reservando. Por isso sua obra, desde os seus primeiros escritos, continua, absolutamente, atual. Considerava-se um ser privilegiado por ter podido acompanhar tantos eventos históricos importantes: a Revolução de 1930; a emergência das massas populares e os movimentos de educação popular; a viagem e chegada do homem à Lua⁴; a velocidade e eficiência dos meios de comunicação; a luta de emancipação da mulher e seu novo espaço conquistado; as “proezas” dos aviões grandes e velozes, dos computadores e do fax; a volta do povo às ruas do Brasil pedindo eleições “diretas já” e depois repudiando a corrupção e exigindo, ao mesmo tempo, a ética na política e o “impeachment” do presidente corrupto eleito pela “inexperiência democrática” do nosso povo. Assim, comoveu-se com a participação alegre e decidida dos jovens “cara pintada”⁵, aos milhões pelas ruas e praças do país nos anos 90. Viveu tudo isso emocionada e criticamente.

Posso imaginar a comoção de Paulo se ele estivesse conosco vendo um homem do povo, Luís Inácio Lula da Silva, ser eleito presidente da República. Com mais de 53 milhões de votos! Ter tomado posse com a festa mais bonita e comovente entre todas que empossaram os nossos presidentes. Brasília lotada de gente de todas as partes deste país. Explosão de alegria jamais vista na nossa vida pública. Não sei se Paulo estaria novamente sendo

convidado para ser o ministro da Educação desse governo, ou se ele julgaria ser mais prudente dedicar-se somente à educação de adultos/educação popular⁶. Ou mesmo ter deliberado ficar fora do governo.

(...) Lula ter chegado ao cargo máximo da nação lhe daria, inegavelmente, motivo de grande alegria. Mas sua alegria e gosto democráticos eram mais radicais. Eram radicalmente ético-político-humanistas. Sua alegria residiria na constatação de que homens e mulheres brasileiras tinham mudado, vinham se politizando desde os tempos do MCP e do SEC, tinham aprendido a *dizer a sua palavra*⁷, fato pelo qual Paulo empenhou toda a sua vida. Graças a ele e a um grande número de mulheres e homens brasileiros abrimos, em frentes diversas e concepções de mundo diferentes, não tenho a menor dúvida, a maior possibilidade da história brasileira, quicá do mundo, de se construir um novo modo de governar um país e seu povo. Paulo assim entendia: tomar o poder e *reinventar um novo poder*⁸. O poder socialista e

⁴ Paulo contou-me que nessa ocasião ele estava num dos dias de Seminário numa Universidade norte-americana muito ciosa de suas obrigações, quando propôs que naquele momento deveriam parar as atividades e ver, pela TV, que uma nova época histórica estava começando. Muitos dos alunos e professores não queriam acreditar na proposta que ouviam. Alguns até verbalizaram: “Não esperava que Paulo Freire propusesse semelhante coisa: isso significa uma evidente falta de responsabilidade diante dos compromissos assumidos!”. Paulo comentou comigo: “Perderíamos a curiosidade caso não tivéssemos parado para ver tamanha façanha dos homens e mulheres, da incrível conquista da ciência. Em nome da eficiência acadêmica evidenciavam suas mentes de burocratas. É pena que a Academia seja assim...”.

⁵ Veja em *Pedagogia da tolerância* (p.231-2), a carta escrita para Verônica Coelho sobre esse fato e sua emoção.

⁶ Quando o primeiro ministro da Educação do governo Lula, Cristóvão Buarque, me convidou para a sua primeira audiência, logo depois da sua posse, no dia 2.1.2002, “audiência emblemática”, como disse na ocasião, eu lhe disse: “Cristóvão, se Paulo fosse vivo e houvesse os ‘partidários de Paulo’ e os ‘partidários de Cristóvão’ indicado vocês dois a Lula para a nomeação do cargo de ministro da educação, tenho absoluta certeza de que meu marido lhe diria, entre outros motivos, por ter declarado em seu discurso de posse esse seu desejo profundo: ‘Amigo, fica ministro e me nomeie diretor do Departamento de Educação de Adultos!’”.

⁷ Sobre isso, remeto o leitor à carta que escrevi a Lula em 28 de outubro de 2002, quando de sua eleição para presidente da República, na qual enfatizo a influência e repercussão da obra e práxis de Paulo nesse fato de nossa democracia (ver Capítulo 18 desta biografia)

⁸ Ao fazer, em agosto de 2005, a revisão desta biografia, sinto-me na obrigação de comentar sobre a atual e profunda crise ética e política que ameaça o processo de democratização brasileiro. Devo falar sobre isso porque ao longo deste livro expus algumas vezes como Paulo contribuiu para esse processo que não só eu, mas 53 milhões de eleitores acreditávamos estar prestes a se concretizar e da alegria que ele sentiria com a chegada de um homem do povo à presidência do Brasil, se ainda estivesse entre nós. Pergunto-me, entre espantada, desiludida e perplexa, por que alguns militantes do Partido do

verdadeiramente democrático com o qual Paulo sonhava e para o qual ofereceu a sua vida passa pela reinvenção do governo que deve ser praticado pelos que querem uma sociedade mais justa e igualitária.

Quero e devo, a bem da verdade, reenfatizar: Paulo tem muito a ver com isso, foi um dos artífices maiores da democratização da sociedade brasileira.⁹

Poucos dias antes de sua morte Paulo chorou quando cinco jovens, filhos de pais ligados ao poder de Brasília, queimaram vivo nosso “pai-irmão”, o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos.

Para a *Pedagogia da indignação*¹⁰, com rara força de beleza e apurado engajamento ético – estética e ética que Paulo, aliás, não as dissociava, com compaixão verdadeira, com angústia e luto, escreveu:

Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer. (p.65)

Paulo tinha se alegrado com a marcha e a luta pacífica e consciente dos e das que compõem o Movimento dos Sem Terra (MST)¹¹, conclamando marchas igualmente pacíficas e reivindicatórias: “A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escola, dos sem hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível”.¹² Esses são exemplos de como Paulo amou. Amou as pessoas independentemente de sua raça, de seu gênero, de sua religião, de sua idade ou de sua opção ideológica. Amou a natureza. O mar azul quente e ruidoso, as correntezas dos rios e as quedas abruptas de suas águas, o calor do sol que a tudo aquece, a neve caindo sobre as folhas amareladas que o outono preparara para seu leito, as nuvens brancas desenhando figuras que ele tanto gostava de interpretar em seus eternos movimentos nos céus azuis ou do pôr-do-sol¹³; as flores com sua variedade de cores, sobretudo as rosas. As árvores de grande porte: pasmava-se diante das mangueiras e das jaqueiras com os seus frutos generosamente grandes e gostosos, com suas sombras. Tinha fascinação pelos cães – tantas vezes incluiu Jim¹⁴ e Andra em seus textos teóricos – e mais ainda pelos passarinhos¹⁵. Olhava para essas pequeninas aves e, assobiando para elas, parecia-me querer conversar com elas, os pintassilgos e os sabiás, os seus preferidos. Gravamos no quintal de nossa casa na Rua Valença, em São Paulo, uma fita com o canto dos sabiás, que todo fim de tarde vinha até nós para alegrá-lo.

(...)

Considero a coisa mais marcadamente significativa de Paulo o seu olhar forte, meigo e profundo, a sua mirada, que comunicava e falava por si só o amor, a solidariedade, a mansidão e a ternura de sua pessoa.

Paulo era cortês, comunicativo, alegre, bem-humorado, sempre atento para tudo que fosse VIDA¹⁶. De personalidade simples, falava com os gestos expressivos de suas mãos dando afetividade sobre o que e para com quem falava. Se estivesse ao lado de alguma pessoa quando falava, quase sempre a tocava suavemente no



Trabalhadores “esqueceram” os seus ideais históricos, aqueles que embalaram e nutriram a esperança de tornar o nosso país no solo de todos e todas nós, muitos dos quais, repito, aprendidos com a compreensão ético-político-educativa de Paulo? Tentando entender esta realidade com o meu marido, percebo que o que está determinando esta postura de vários componentes do PT vem sendo, inadmissivelmente, uma corrida ambiciosa e incontrolada que ofusca e miopia os que querem se manter no poder fazendo concessões insensatas com o desejo único de “tendo chegado lá, ficar lá de qualquer maneira”, desvirtuando e aniquilando assim a ética da Vida e o sonho possível de justiça social. Em suma, a esperança ética de um governo verdadeiramente democrático como Paulo sonhou, buscou, deu os subsídios teóricos e os ofereceu para que a sociedade política, mudando as formas de governar, reinventasse o poder a favor do povo, de todas e de todos os brasileiros, infelizmente não está se concretizando. Certamente resta-nos lutar contra o desencantamento e a desesperança mesmo porque a esperança é parte indissociável da condição humana e começamos a (re)organizar o sonho possível de fazer do Brasil um país verdadeiramente democrático. À altura de seu povo!

⁹ Remeto o leitor à carta de Frei Betto de 27.10.2002 a Lula, quando de sua eleição para presidente da República (ver o Capítulo 18 desta biografia).

¹⁰ Conferir em *Pedagogia da indignação*, a 3a Carta (p.65-9). Ver também “Da tolerância, uma das qualidades fundantes da vida democrática”, em *Pedagogia da tolerância* (p.23-4).

¹¹ Cf. *Pedagogia da indignação*, 2a Carta (p.53-63).

¹² *Ibidem*, 2a Carta (p.61).

¹³ “Há outra forma curiosa de nos entregarmos gostosamente ao desafio. Trata-se da curiosidade estética. Ela me faz parar e admirar o pôr-do-sol. É o que me detém, perdido na contemplação da rapidez e elegância com que se movem as nuvens no fundo azul do céu. É o que me emociona em face da obra de arte que me centra na boniteza” (*À sombra desta mangueira*, p.77).

¹⁴ Conferir também em *Nita e Paulo: crônicas de amor*, “Jim” (p.48-9).

¹⁵ Paulo trouxe de Genebra, quando retornou ao Brasil, um passarinho do qual tinha uma predileção tão grande que não conseguiu deixá-lo lá. Deu-lhe o nome de “Chacrinha”, uma homenagem ao animador de TV, porque o animal tinha a alegria e a vivacidade do brasileiro que tão bem, segundo Paulo, se relacionava com o povo.

¹⁶ Relembro a frase com que Paulo terminou o depoimento a Edney Silvestre em entrevista à TV Globo de televisão: “Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (cf. *Pedagogia da tolerância*, p.329).

ombro. Mas Paulo escutava mais do que falava, seus alunos e suas alunas sabem disso.

Enfim, o olhar, o escutar e o tocar¹⁷ foram os gestos/movimentos com os quais ao lado do observar, do estudar e do pensar/falar/escrever Paulo revelava os desejos, os espantos e a esperança de seu ser eternamente apaixonado pela vida.

Quem conheceu Paulo dificilmente se esquecerá desses traços que traduziam sua personalidade segura e terna, bem-humorada e mansa, tolerante e ousada, comunicativa e amiga, eternamente preocupada com o outro e a outra e consigo mesmo, no sentido de aperfeiçoar as suas virtudes e de ser feliz. E assim de fazer os outros e outras felizes.

Entre muitas das coisas que admirei em Paulo era ele atender sempre, de maneira simples, paciente e respeitosa, às chamadas telefônicas. Não aceitava “secretárias telefônicas” ou fazer voz troncada para não ser identificado, para fugir do contato com quem lhe procurasse, com quem tinha algo a lhe perguntar ou afirmar. E o telefone o chamava dezenas de vezes ao dia! Algumas dessas ligações ultrapassavam as conversas dos parentes e amigos, das pessoas e instituições que lhe procuravam desejando dar ou receber uma informação ou fazendo-lhe um convite, eram de estudantes que pediam “aulas particulares” na véspera de uma prova ou seminário cujo tema seria o educador Paulo Freire. Paulo dedicava o tempo que o interlocutor ou interlocutora demandasse, mesmo que para isso tivesse interrompido um texto que estivesse escrevendo ou lendo. Quando eu lhe dizia: “Paulo, você ficou muito tempo com esses/as garotos/as no telefone, valeu a pena? Você não perdeu tempo?” Sua resposta irremediavelmente era: “Nunca perdemos tempo quando somos atenciosos, respeitosos e corteses com as pessoas. Quando atendemos a um pedido legítimo de um jovem ou uma jovem curiosa para saber!”. (...)

Fico contente por ter introduzido Paulo no mundo do entretenimento. Comigo foi a bares, a teatros e a balés de dança clássica, além dos cinemas que desde criança freqüentava.. Maravilhou-se com a casa de tablados de danças flamengas da Espanha. (...)

Paulo “adorava” o futebol e ia aos campos de jogo quando vivia no Recife. No seu retorno do exílio raramente foi ver ao vivo essa emoção e vibrar torcendo por um dos clubes populares Santa Cruz, do Recife, e Corinthians, de São Paulo, pois nunca se sentiu dentro dos que tinham tradições elitistas. Torcia como menino. Calado, mas tinha muita raiva quando algum dos times populares brasileiros ou a seleção brasileira perdia a um jogo. Um dos raros momentos que Paulo “perdia completamente a razão” e se deixava tomar pela pura emoção era assistindo um desses jogos. Se é verdade que o futebol veio da Inglaterra

como era lá, um dos esportes da elite, aqui foi tomando as cores nacionais, foi passando a ser, sobretudo, diversão e paixão das classes populares e dos intelectuais, e mais recentemente das camadas médias e média-alta. Os jogadores não são mais os doutores e filhos de ricos brancos, são negros vindos das camadas subalternas. Inconscientemente, creio, essa identidade com o futebol por parte de Paulo tem explicação na sua parceria com os secularmente ofendidos que hoje jogam e enriquecessem no Brasil e no mundo arrebanhando para os estádios milhões de aficionados.

Quando Paulo vivia no exílio, muitos/as brasileiros/as o chamavam por telefone pedindo com tons de ordem a ser cumprida para que ele não assistisse aos jogos da Copa do Mundo de Futebol, que iriam se realizar no México, em 1970. A desculpa era a de que se o Brasil ganhasse a Taça Jules Rimet os militares no poder trariam para si as vantagens da vitória para se beneficiarem ideologicamente e para torturem sem serem percebidos, pois o país fazia feriado a cada jogo do Brasil para ficar quase toda a sua população em frente da televisão. Assim, os militares que tinham providenciado as emissões coloridas e transmitidas ao vivo, matreiramente, usariam ainda mais a população no clima favorecido pela efusão lírica e alegria autêntica com os resultados do nosso futebol, para impor como verdade a visão nacionalista elitista deles sintetizada no *slogan* “Ninguém segura este País”. Os “contra assistir os jogos do Brasil” alegavam que o regime militar confirmaria, com a vitória nos gramados, a idéia da soberania nacional pregada por eles mas que no fundo traduzia, contraditoriamente, a Ideologia da Segurança Nacional. Frente aos argumentos de que irreversivelmente se impediria a volta ao estado de direito como decorrência de uma maior alienação política, caso o Brasil fosse tricampeão de futebol, Paulo respondia:¹⁸

Revolução, que, a pretexto de servir ao povo, lhe tira o direito dele gostar, de torcer, de se entusiasmar com o futebol não é digna dele. Futebol é o “esporte das multidões”, do povo que se alegra e por ele luta, torcendo ou jogando. A contra-ditadura se faz no combate em várias frentes de luta e não seqüestrando o direito de ter [e ver] o futebol. É direito, é gosto, tem a ver

¹⁷ Escrevi sobre isso um trabalho publicado, *Convergence* (ia), e com algumas alterações no livro publicado sob os auspícios da Prefeitura do Recife, *Paulo Freire - Quando as idéias e os afetos se cruzam* (respectivamente, nas p.3-8 e 235-42).

¹⁸ Cf. em *Nita e Paulo: crônicas de amor* (p.110-12).

com nossa cultura, com nosso ritmo: as fintas são a manha de nosso povo vivida nos corpos dos que jogam. Veja como o povo delira de alegria com os dribles. São lindos, maravilhosos corpos em movimento.

(...)

Paulo foi um homem no qual a seriedade de sua postura ética e política não lhe tirou o bom humor e a vontade de rir. Quando retornou do exílio, queria conhecer o Brasil em todos os seus aspectos: lia os escritos das traseiras de caminhão, dos escritos nos banheiros públicos, das inscrições nos muros das ruas da cidade. Queria também, reiniciar-se no gosto das piadas brasileiras que de maneira geral giram em torno de sexo e de nossos irmãos portugueses. Paulo ria delas com gosto muito especial, desde que não fossem desrespeitosas à dignidade do ser dos “protagonistas”.

(...)

O caráter lúdico de Paulo o fez guardar em sua bolsa uma cédula de Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros) que recebeu poucos dias depois da sua volta ao Brasil porque nela estava uma “armadilha” de gosto absolutamente popular. Nela estava escrito, com letra de quem pouco estivera na escola: “Em cazo de emergência vire esta nota”. Curioso, querendo saber o que estaria escrito no verso Paulo conforme a instrução de quem escrevera na cédula, virou-a e leu a continuação do escrito no anverso: “Em cazo de emergência fila da puta...”.

Ele gostava de mostrar essa cédula a amigos, mas quando a tirava da bolsa a segurava firmemente porque ele mesmo queria ler essas tais escrituras num sotaque bem enfático e caracteristicamente popular. Ria, ria muito todas as vezes que “encenava” essa brincadeira bem ao gosto do povo brasileiro. “Isso é uma delícia!”, repetia sempre que lia essa “mensagem”. É mesmo uma delícia!!!¹⁹

Na minha participação em *Paulo Freire, o menino que lia o mundo*, de Carlos Rodrigues Brandão, também falei do comportamento-menino de Paulo, até por que esse livro tem como objetivo “apresentar Paulo Freire” às crianças do Brasil:

As idas ao cinema do bairro de Casa Forte eram parte essencial das lembranças de Paulo. Sobretudo os filmes de Tom Mix, seu herói predileto, com um chapéu grande, montado num cavalo branco. Fiel amigo, o animal cavalgava conforme a necessidade do dono. Tom Mix era um cowboy acima de qualquer suspeita, salvando mocinhas indefesas, homens humilhados, pronto para agir em qualquer situação de injustiça. Quando Paulo já era um homem famoso,

conhecido em tantas partes do mundo, tinha até escrito num livro que o cavalo de Tom Mix era branco e que os seus filmes eram longos, reviu um desses filmes e ficou... perplexo. Foi um golpe duro perceber que o cavalo não era branco. Branco era só o enorme chapéu do herói! O seu lado menino, que nunca perdeu, ficou inconformado. E concluiu: “Nita, prefiro continuar com o Tom Mix de minha infância montado no belo e elegante cavalo branco!”.

Isso é muito bonito, muito legal mesmo, um pensador que não quer deixar a razão ficar acima de suas emoções-criança.

Sabem, depois que nos casamos vi como Paulo gostava de curtir mesmo essa de ser menino. Adorava piadas bem ingênuas do tipo que gente grande não gosta: ria muito com Didi, Dedé, Muçum e Zacaria, acreditam?”²⁰

(...)

No último comício de Lula, na campanha de 1989, em Garanhuns, tínhamos ido de São Paulo a Recife, e de lá, de carro, num calor escaldante, ao local onde o candidato tinha nascido, para que Paulo fizesse um discurso. Na hora, todo mundo no palanque, a praça cheia de gente, um fala, outro fala, e de repente Paulo fez um sinal com sua mão no meu braço que eu já sabia o significado: queria ir embora! “O que houve, Paulo?”, perguntei. “Estou com medo... não sei falar em comício... sempre falei em sala de aula, em círculos de cultura, em anfiteatros de universidades e de escolas... Daqui desse palanque tão alto fica pior... Falei num comício das 'Diretas Já!', mas hoje sei que não saberei falar, acho que até vou perder a voz... Vamos sair de mansinho!” “Paulo, como vamos fugir daqui?! Por que não tenta relaxar? Acho que você sabe falar em qualquer lugar. Você sempre tem algo adequado e interessante a dizer.”

Bem próximo de nós, vi Aloízio Mercadante e Bruno Maranhão, e não tive dúvidas: “Gente, Paulo está me chamando para fugir...” Sem ter largado o meu braço em momento nenhum, Paulo me cutucou o braço com mais força, mas não me repriminou nem pelo olhar nem por palavras. Os dois petistas solidários e amigos acalmaram

¹⁹ O bom humor de Paulo tinha um humor que não ofendia, que não desrespeitava o outro. Sobre sua capacidade de rir das coisas simples da vida, dediquei um capítulo “Pilhaerias” (p.44-5) no livro sobre minha vida cotidiana com ele *Nita e Paulo: crônicas de amor*.

²⁰ Cf. Carlos Rodrigues Brandão, *Paulo Freire, o menino que lia o mundo* (p.44).

Paulo e se dispuseram a ficar ao lado dele na hora do seu discurso. Ele não precisou desse apoio. Poucos minutos depois anunciaram que Paulo iria discursar e o povo começou, então, a gritar entusiasticamente: Ministro! Ministro! Ministro!

Ele fez seu discurso manso e cheio de esperanças ao lado de Bruno, de Mercadante, de Lula e da multidão que o aplaudia. De mãos dadas comigo. Só as soltava quando precisava delas para falar... e logo as agarrava novamente!

As qualidades de Paulo eram evidentes, estavam expostas na sua corporeidade. Seu corpo pequeno, delgado, sem assombros de petulância ou empavonamento irradiava a leveza e a pureza de sua alma sincera de menino que sempre foi; sua inteligência e perspicácia; sua amorosidade e paz; sua serenidade e aconchego; sua seriedade e bom humor; sua humildade e tolerância traduziam o que se passava em todo o seu ser. Seu corpo pedagogizava. Mostrava por inteiro sua dignidade e simplicidade de *Ser com* o mundo.

Nunca confundiu simplicidade, humildade ou mansidão com submissão ou servilismo. Tinha medo e ousadia. Nunca se achou mais importante ou mais sabedor das coisas do que os outros e outras, mas tinha a convicção de que sabia “algumas coisas”. Tinha um enorme respeito pelas outras pessoas e pela natureza. Suas qualidades são, indubitavelmente, frutos de sua sabedoria.

Foi fumante voraz, e só quando pressentiu o mal que o tabaco estava fazendo à sua saúde é que largou, com raiva, como gostava de enfatizar, a fumaça e as tragadas. Infelizmente muito tarde, porque vinha sofrendo seqüelas que a raiva do fumo não apagou de seu corpo. O enfarte do miocárdio que o arrancou do convívio conosco, na madrugada de 2 de maio de 1997, foi provocado, em grande parte, pela inclemência com a qual o cigarro ataca os seus amantes. Triste, trágica contradição da qual Paulo foi um entre outras milhares e milhares de vítimas que se inebriavam com os engodos da fumaça, do cheiro e dos gestos característicos, que adquirem os que gostam do cigarro. Havia dezessete anos que Paulo parara de fumar...

Semblante calmo, cabelos longos e barbas brancas, estatura mediana, corpo magro e levemente inclinado para a direita, andar manso, olhos cor de mel e sua constante disposição para trocar experiências, para escutar e para dialogar, sobretudo quando estava explicitando suas idéias sobre educação e política, opressão e libertação, ou discutindo as idéias dos outros e das outras pessoas, são algumas de suas características inesquecíveis.

A radical *ética humanista* de Paulo tem a sua máxima nesse testemunho de respeito à dignidade do outro e da outra. Essa sua inabalável postura de respeito *pelos outros e outras pelo mundo*, imbricada à amorosidade e à solidariedade para com os justos, os oprimidos e excluídos que nasceu dos sentimentos e da razão nutridos nele não como um fim em si mesmo, mas para, voltar-se intencionalmente para a

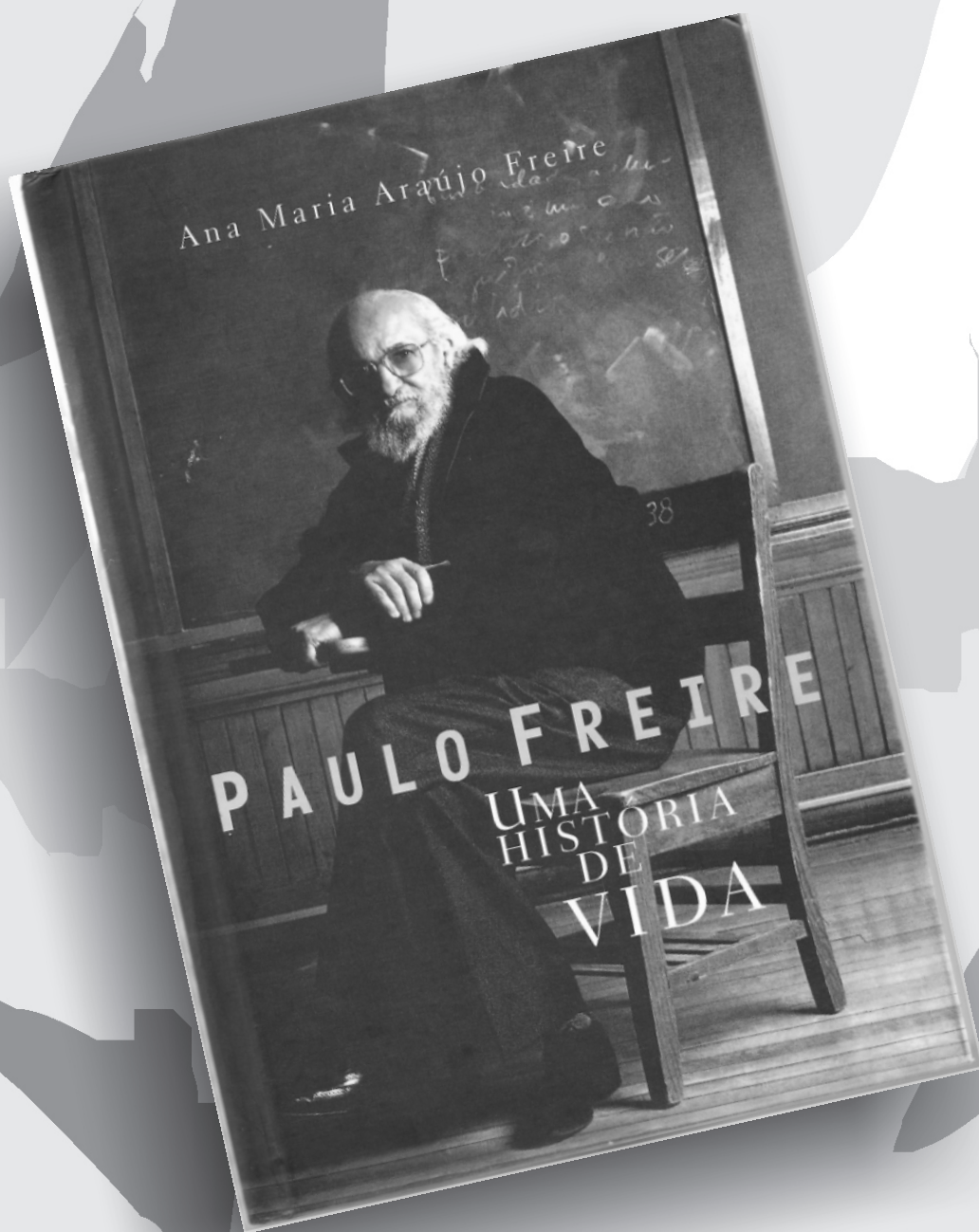
valorização da vida pautada na justiça que possibilita a Paz. Quando recebeu, por telefone, um convite de universitários brasileiros vivendo e estudando em Israel, respondeu-lhes: “Terei o maior prazer em ir a Israel, mas quando houver paz com os palestinos. Será uma alegria conviver com israelenses e palestinos, juntos”.

Enfatizo também sua postura intencional e eminentemente ética de permanecer manso e quieto, dignamente na sua posição de humildade mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida. Assim, jamais se lamuriava, mesmo quando injustiçado ou incompreendido por quem quer que fosse. Falou muito e escreveu sobre as injustiças que lhe fizeram após o golpe militar de 1964, sobretudo sobre o exílio e a impossibilidade de ter um passaporte e de poder vir ao Brasil, disso tudo teve a justa raiva, mas jamais se lamuriou mesmo quando não pôde vir nem sequer despedir-se da mãe antes de ela falecer.

Paulo foi um homem bom, radicalmente bom, nunca “bonzinho”, pois foi forte, enérgico, rebelde, ousado e coerente tanto na sua maneira de ser como nas suas decisões e opções.

Paulo gostaria de ter sido um cantor famoso ou eminente professor da gramática da língua brasileira – sentia-se frustrado por não ter sido também professor do curso primário –, mas ele mesmo reservou para si o direito e o privilégio de ser, reconhecidamente, além de professor da nossa língua, o maior educador brasileiro, um dos mais importantes da história da educação de todos os tempos. Uma das expressões maiores do pensamento brasileiro.

Em suma, suas qualidades, sua maturidade e sabedoria, sua capacidade de ser gente e de viver apaixonadamente, cumpriram-se integralmente. Desejou também assim morrer, e assim morreu: amando os justos e os oprimidos e oprimidas, trabalhando indignada e apaixonadamente. Amando. Sobretudo amando.



PAULO FREIRE:
UMA HISTÓRIA DE VIDA
ANA MARIA ARAÚJO FREIRE
VILLA DAS LETRAS EDITORA
Vencedor do 49º Prêmio Jabuti 2007 -
Livro de Biografia